

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**TOMBAMENTO DO PENEDO: O MEIO AMBIENTE E O PORTO DE VITÓRIA**

Larissa Pinheiro – Mestre em Ciências Sociais (UFES)

**Resumo:**

Este artigo tem o propósito de analisar os antecedentes que levaram ao processo de tombamento do Morro do Penedo, monumento natural localizado em Vila Velha (ES), ocorrido em 1983, após solicitação da Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) ao Conselho Estadual de Cultural, uma das primeiras ONGs locais, como forma de impedir a continuidade de sua degradação, principalmente com o incremento da atividade portuária na região, com a construção do porto de Capuaba, a partir da década de 1976. Com isso, pretendemos mostrar como se estabeleceu a relação desse patrimônio ambiental com as mudanças ocorridas ao seu redor, tendo como referências as atividades portuárias e o desenvolvimento da cidade.

**Palavras-chave:** morro do Penedo; tombamento bem natural; movimento ambientalista.

**INTRODUÇÃO**

No Espírito Santo, após uma forte luta, em 1983, o tombamento do Penedo – monumento natural e cultural de notável valor – foi consolidado, sendo resultado de protestos dos movimentos sociais à época como forma de impedir a continuidade de sua degradação, principalmente com o incremento da atividade portuária na região da baía de Vitória (ES), a partir da década de 1970.

Trata-se de um assunto inexplorado e de importância regional, já que o tombamento do Penedo é uma resposta a essas mudanças muitas vezes negativas no contexto urbano, a partir das remodelações que foram se processando na paisagem da cidade de Vitória com o passar das décadas. Por isso, nos preocupamos em identificar as mudanças pelas quais vinha passando a cidade de Vitória, que certamente impactou a paisagem do Penedo, já que este monumento se encontra no epicentro de onde tudo começou inclusive a fundação da Vila de Vitória, há mais de quatrocentos anos. Trata-se do recorte deste artigo.

Quanto à metodologia, em termos de coleta de dados, trata-se de uma pesquisa exploratória, fundamentalmente de abordagem qualitativa com base em revisão bibliográfica, consulta a fontes documentais e pesquisa em jornais locais que pautavam o debate à época. Destacamos o uso de imagens, o que nos auxilia a mostrar as mudanças do espaço no decorrer do tempo. Na análise dos dados coletados foi empregada a análise de conteúdo (BARDIN, 2009; TRIVIÑOS, 1987).

Apresentaremos a relação entre o Penedo e o porto de Vitória, tendo como paisagem a cidade de Vitória, e, a partir disso, estaremos analisando como essa combinação vai ocorrendo com o passar dos tempos. Apresentamos um panorama das mudanças urbanísticas ocorridas no centro de Vitória por conta de uma rápida transformação econômica que desenvolve a atividade portuária na região, o que vem impactar os recursos naturais da baía de Vitória, com destaque para o próprio Penedo.

Concluimos, em linhas gerais, que o tombamento do Penedo foi um ganho para todos capixabas, não só pela preservação dele em si, mas para além dele, ocorreu que nesse período o meio ambiente adquiriu maior destaque, inclusive, com a criação de uma Secretaria e legislação ambiental estadual até então inexistentes.

## **MAPEAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO PENEDO**

Na primeira parte do artigo, apresentaremos um mapeamento histórico-geográfico do Penedo. Quando da fundação da Capitania do Espírito Santo, em 1535, já era notado que a região contava com expressivo patrimônio natural, apresentando um dos mais ricos ecotipos do Brasil. O crescimento regional permaneceu lento até fins do século XIX, devido à instabilidade político-institucional e a deficiência de comunicações a que esteve confinada (IJSN, 1978).

Em termos de paisagem natural, Vitória obteve grande destaque nesse aspecto. Fundada em 1549, segundo modelo português de implantação, em sítio elevado dominando o mar, apresentou desenvolvimento ligado às condições físico-espaciais do lugar, cuja expansão se deu por meio de conquista sucessiva de zonas alagadiças, baixios, manguezais e aterros de áreas de mar (IJSN, 1978).

Destacamos nesse trabalho os morros e afloramentos rochosos na região, mais especificamente o morro do Penedo, tido como marco visual e paisagístico da baía de Vitória, considerado um dos principais elementos do patrimônio natural (IJSN, 1978).

O Penedo é um molhe granítico com 133 metros acima do nível do mar, situado na entrada de uma baía de flutuação de mais de 2500 metros de extensão, por 650 metros de largura, por onde navegaram os colonizadores portugueses, e agora os navios de vários países do mundo, servindo de apoio de defesa de Vitória. Apesar de estar situado em Vila Velha, faz parte do cenário da baía de Vitória. Quando da passagem de Saint-Hilaire e Charles Frederick Hartt, no início do século XIX, estes o classificaram como Pão de Açúcar do Espírito Santo (SECULT, 2014).

Trata-se do ponto central de uma formação rochosa que identifica a entrada da baía de Vitória e, ao mesmo tempo, disciplina a sua navegação, intercalando no solo submerso centenas de grandes pedras engastadas em imenso colar geológico que sobressai em alguns pontos como a Pedra dos Ovos e o próprio Penedo (ACHIAMÉ; BETTARELLO; SANCHOTENE, 1991). Segundo Ab'Sáber (2003) o Penedo está situado no domínio dos chamados “mares de morros”, onde se alternam esse tipo de formação geológica em regiões costeiras do Rio de Janeiro ou áreas interiores no Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. A formação mais conhecida no Brasil e no mundo é a do Rio de Janeiro.

O nome “pão de açúcar”<sup>1</sup> remete à herança colonizadora portuguesa que deu esse nome, pois, durante o apogeu do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, após a cana ser espremida e o caldo fervido e apurado, os blocos de açúcar eram colocados em uma forma de barro cônica para transportá-lo para Europa, que era chamado de pão de açúcar. A semelhança entre ambos teria dado origem ao nome (VIEIRA FAZENDA, 1913).

Desde então, o Penedo “[...] se transformou em autêntico monumento à confraternização, recolhendo mensagens que traduzem em sua superfície a passagem dos homens do mar, denunciada em centenas de manifestações pictográficas” (ACHIAMÉ; BETTARELLO; SANCHOTENE, 1991, p. 148). Na próxima seção trataremos das mudanças que foram ocorrendo ao redor do Penedo com a implantação do porto de Vitória o crescimento da região do Centro da cidade.

## **O PENEDO, O PORTO E A CIDADE: MUDANÇAS NA PAISAGEM DA REGIÃO DO CENTRO DE VITÓRIA**

---

<sup>1</sup> O nome se popularizou a partir da segunda metade do século XIX, quando o Rio de Janeiro recebeu as missões artísticas do desenhista e pintor alemão Johann Moritz Rugendas e do artista gráfico francês Jean Baptiste Debret.

Para compreender a paisagem local analisaremos a relação que se estabelece entre esses três elementos: o Penedo, o porto e a cidade. Para tanto, analisaremos como a paisagem no centro de Vitória vem se modificando com o passar do tempo influenciada principalmente pela atividade portuária que vai se desenvolvendo com o passar das décadas, o que vai impactando a cidade e o meio ambiente na região, como será mostrado nas próximas linhas.

Segundo Achiamé (apud SIQUEIRA, 1984), o Espírito Santo de colonização europeia teve sua formação à beira-mar, com a fundação das primeiras vilas, a do Espírito Santo, depois de Vila Velha e a da Vitória<sup>2</sup>. Assim, Vitória se desenvolveu como cidade-porto. A origem do porto de Vitória se deu com o crescimento da cultura cafeeira, a partir de 1870, sobrecarregando o porto de Itapemirim, até então utilizado para escoamento agrícola, basicamente cana-de-açúcar. Para solucionar esse problema o embarque passou a ser realizado em outro atracadouro, chamado de “Cais do Imperador”, na parte sul da Ilha de Vitória (PORTO DE VITÓRIA, 2013).

Devido a sua posição geográfica privilegiada, explorada desde o século XIX, Vitória, se tornou um lugar de destino político e econômico do Espírito Santo, tendo sido, desde então preparada para abrigar capital e porto (IJSN, 1981). A palavra porto está relacionada ao processo de desenvolvimento a partir da própria cidade de Vitória, reunindo em suas proximidades atividades mercantis que davam apoio ao seu principal produto, que era o café de exportação, junto com a presença de todo um aparato público-administrativo, dada a sua condição de capital (IJSN, 1996).

Os primeiros estudos para a construção do porto de Vitória datam de 1879, projeto do americano Milnor Roberts. As obras foram iniciadas em 1911, mas ficaram paralisadas em 1914, em virtude da guerra (IJSN, 1978). Em 28 de março de 1906, o governo federal autorizou à Companhia Porto de Vitória (CPV) a implantação de novas instalações no mesmo local, ficando a cargo da empresa C. H. Walker & Co. Ltd. a execução 1130 metros de cais. A União encampou a concessão dada à CPV e transferiu-a ao governo estadual pelo Decreto n.º 16.739, de 31 de dezembro de 1924, tendo sido a construção do porto retomada no início de 1925 (Figura 01). Sua inauguração ocorreu em 03 de novembro de 1940, assinalando o começo do atual complexo portuário (PORTO DE VITÓRIA, 2013).

---

<sup>2</sup> A Vila de Nossa Vitória da Victoria foi fundada em 1551. O desenvolvimento se deu de forma lenta. Somente em períodos posteriores que foram edificadas, na entrada da baía de Vitória, algumas fortificações com propósitos de defesa. No século XVII ainda era uma aldeia, com ruas estreitas sem planejamento (FREITAS, 2002).



**Figura 01** – Porto de Vitória. Início da construção do cais do Porto de Vitória – construção do enrocamento. Autoria: [Autor Desconhecido, 1918]. Fonte: UFES apud Memória Visual da Baía de Vitória (2014).

Na virada do século XVIII para XIX foi dado início ao processo imigratório em consequência do desenvolvimento da hinterlândia do rio Santa Maria da Vitória, e, a partir disso, a função portuária ganhou novo impulso até os dias atuais. Foi o café que deu impulso ao desenvolvimento das comunicações marítimas fluviais e ferroviárias no início do século passado, e geraram transformações significativas na economia regional, tendo reflexo nas cidades através da ampliação da malha urbana e remodelação dos setores mais antigos com a abertura e retificação de vias e demolição da grande maioria do casario (IJSN, 1978)<sup>3</sup> (Figura 02). A seguir, apresentamos um trecho que ilustra o movimento do porto<sup>4</sup> e o início de uma mudança na cidade:

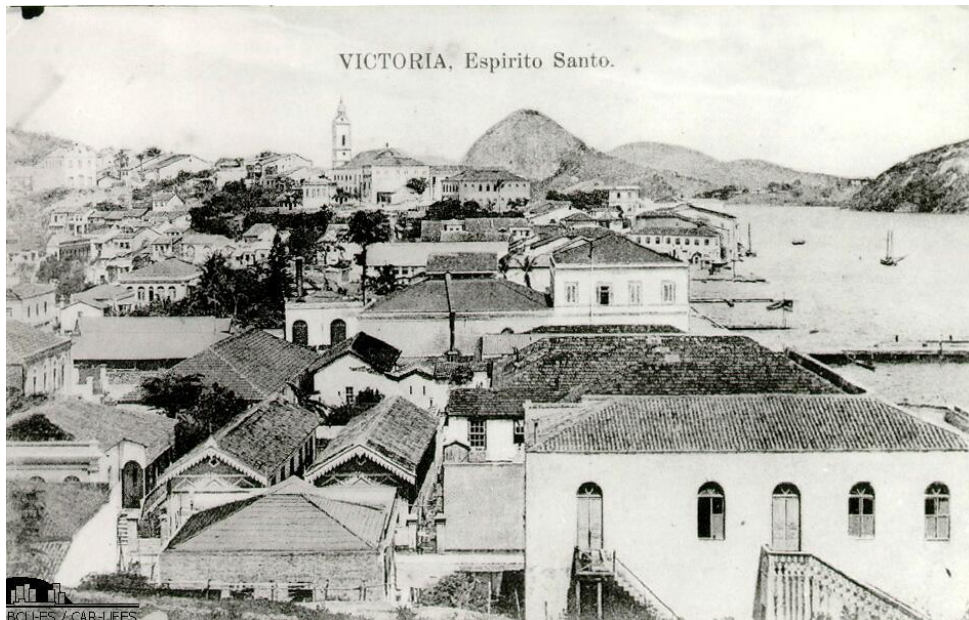
Nele podia ser observado intenso movimento de barcos e barcaças, onde eram comercializados café, madeira, frutas, cereais e lenha. Se durante todo o período colonial a cidade esteve voltada sobre si mesma, onde as relações se desenvolviam em caráter local, praticamente sem a participação das populações externas, na passagem do século, devido ao intercâmbio com as demais cidades

---

<sup>3</sup> Na primeira metade do século XIX, como outras cidades brasileiras, a vila não contava com água encanada, nem iluminação, nem rede de esgotos. Havia lixo nas ruas e matagal nos terrenos baldios. Em 1823 a vila é elevada à categoria de cidade. Em 1837, as ruas e os edifícios públicos recebem iluminação (FREITAS, 2002).

<sup>4</sup> Lembrando que a abertura dos portos no Brasil se deu em 1808.

e colônias, houve consolidação do comércio e da atividade portuária, a cidade abriu-se para os espaços externos, e a rua, antes mero elemento de ligação entre espaços fechados, assume novo significado, constituindo-se, além de elemento de circulação, em ponto de permanência, de contato e de discussão (IJSN, 1978, p. 67).



**Figura 02** – Parque Moscoso. Vista da região entre a rua do Ocidente, atual João dos Santos Neves e rua General Osório. À direita, frente à Baía, rua do Comércio e Porto dos Padres. Avista-se também as Igrejas de São Tiago e São Gonçalo. Ao fundo, Baía de Vitória e Penedo. Autoria: [Autor Desconhecido, 1908].

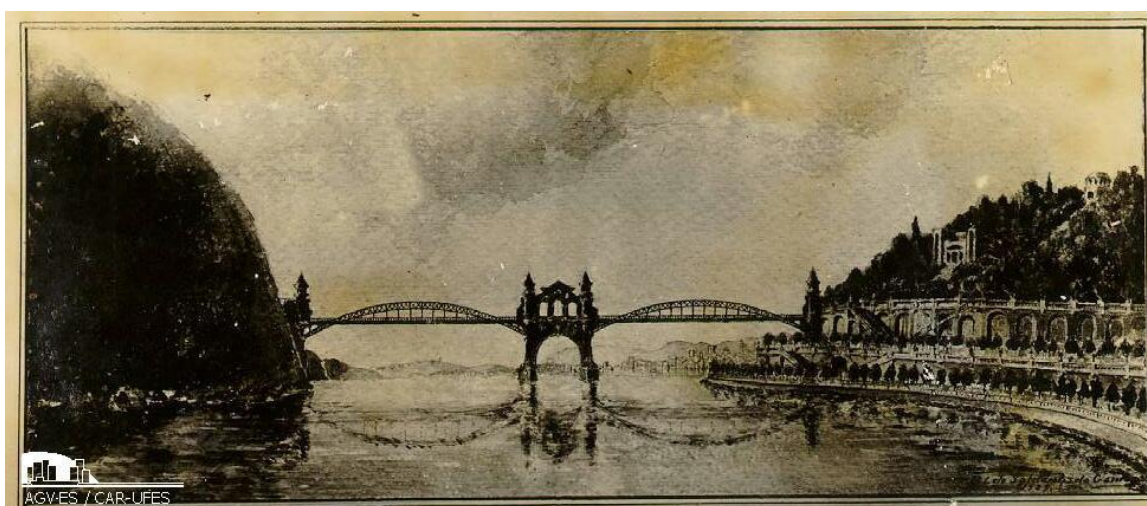
Fonte: UFES apud Memória Visual da Baía de Vitória (2014).

Não poderíamos deixar de mencionar nesse trabalho os primeiros projetos de aterro na cidade de Vitória que iniciaram o processo de modificação do espaço, a partir da sua origem que é onde se encontra o Centro da cidade hoje. Essas modificações se deram inicialmente devido aos efeitos da política de valorização do café, constituindo Vitória em um importante centro comercial. No governo Muniz Freire (1892-6), o engenheiro sanitarista Francisco Saturnino de Brito fez um projeto de expansão da cidade em direção às praias, chamado de “Novo Arrabalde”, que abrangeu abastecimento de água, rede de esgotos, aterros, arruamentos e edifícios públicos (FREITAS, 2002).

Na virada para o século XX, já no governo Jerônimo Monteiro (1908-12) foi elaborado um programa de urbanização que compreendeu drenagem, aterros, saneamento, jardins, parques, com destaque para a construção do Parque Moscoso, arborização, alargamento de ruas e iluminação pública e particular, arruamentos e edifícios. Em 1920 é

aberta a Avenida Capixaba e as ruas do centro são alargadas, retificadas, drenadas e pavimentadas. Em 1927 é construída a ponte “Florentino Avidos”, ligando a ilha ao continente, o que permitiu a continuidade das obras do porto de Vitória várias vezes paralisadas (FREITAS, 2002).

Foi um período de muitas ideias no plano urbanístico em que até se cogitou construir uma ponte ligando a Curva do Saldanha ao Penedo, o que não passou do papel (Figura 03).



**Figura 03** – Forte São João. Projeto de uma ponte, Engenheiro Saldanha da Gama, ligando o Penedo à curva do Saldanha. Autoria: Moacir Fraga (1929).

Fonte: Arquivo Geral de Vitória apud Memória Visual da Baía de Vitória (2014).

Em 1939 foi dado início a ampliação do porto de Vitória e a construção do cais de minério (IJSN, 1978). Foram construídas as instalações de embarque da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), no morro do “Péla Macaco” em Vila Velha, hoje totalmente desativadas e entregues a Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa). Na mesma época teve início à construção do Terminal de Granéis Líquidos e das instalações do Cais de Paul (Usiminas e CVRD), ambos localizados em Vila Velha. Em 1950 foram construídos os demais berços do Cais Comercial de Vitória, berços 101 e 102 (PORTO DE VITÓRIA, 2013).

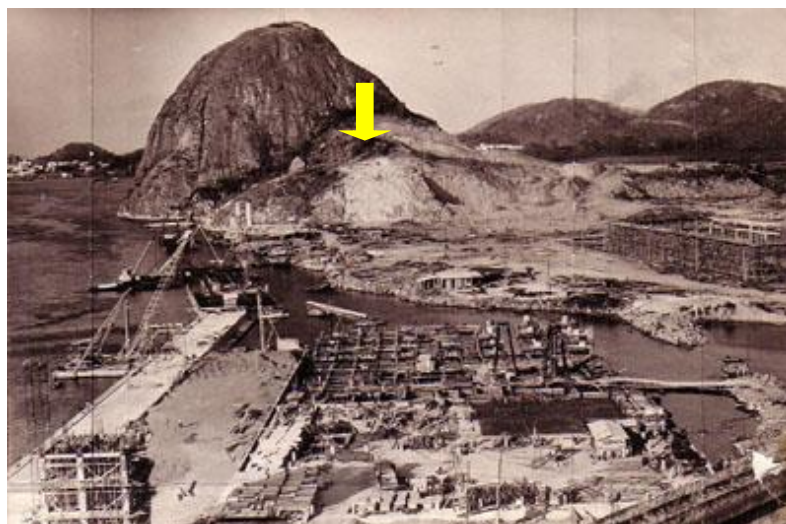
Paralelo a isso, no plano urbanístico, em 1945 foi concluído o “Plano Agache” que tem como linha mestra a realização de estudos e intervenções sobre o funcionamento do sistema viário de interligação das zonas da cidade, incluindo o projeto da Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, mas conhecida como “Beira-Mar”. Foi priorizado, a

partir dessa década, ações governamentais voltadas ao automóvel e, por conseguinte, à fluidez do tráfego (FREITAS, 2002).

Podemos, dessa forma, compreender como aquele espaço há décadas já vinha sofrendo processo de degradação para atender a vários interesses, tanto urbanísticos, com a expansão das vias da cidade, como para atender as demandas portuárias que estavam crescendo na região. O governo Jones dos Santos Neves (1951-4) se volta para um esforço de modernização industrial, o que implicou um reordenamento do espaço urbano de Vitória com destaque para o aterro da “Esplanada Capixaba” (FREITAS, 2002).

Na década de 1960, já no governo Christiano Dias Lopes Filho (1967-71) com a erradicação dos cafezais, e, conseqüente grande imigração do campo, é que se inicia um processo de alterações mais significativas na região, que se agrava na década de 1970 devido ao impacto ambiental causado pelo contingente populacional que afluiu para Vitória, assim como pela industrialização através da implantação dos Grandes Projetos (IJSN, 1978).

Segundo Zorzal e Silva (1998) a década de 1970 teve como resultado uma mudança radical no ritmo, na escala e na orientação dos investimentos, fazendo com que a economia regional fosse cada vez mais orientada pela lógica e dinâmica do mercado internacional, tendo como líder a CVRD, incluindo investimentos no sistema portuário. Foi nessa mesma década que foi construído o “Cais de Capuaba”, que causou danos maiores ao meio ambiente e ao Penedo o que será mostrado mais adiante. Na Figura 04 apresentamos o corte que foi realizado no sopé do Penedo, desintegrando parte do seu conjunto paisagístico para dar espaço para o cais.





**Figura 04** – Construção do Cais de Capuaba. Ao fundo, vemos o Penedo.  
Autoria: Pajaú; Gonçalves (1977).  
Fonte: IJSN (2014).

Em resumo, o Espírito Santo foi se adaptando as mudanças econômicas e políticas decorrentes do processo de globalização e de democratização da sociedade brasileira graças a uma conjugação de fatores internos e externos<sup>5</sup>, a partir da década de 1960, conciliado com argumento trazido por estrategistas de que o Espírito Santo está em uma posição geográfica estratégica no cenário brasileiro e internacional, o que influenciou na localização de investimentos de grande porte, funcionando como mais um fator de atração do capital. Em curto prazo de tempo modifica seu perfil agroexportador em meados da década de 1960 para urbano-industrial nas próximas décadas (ZORZAL E SILVA, 1998).

## **ANALISANDO O CASO: ATORES EM CENA**

Por outro lado, ocorre nos anos 1970 a emergência de movimentos sociais urbanos em várias cidades do país, que se voltam para as temáticas relacionadas com as dimensões da vida da população urbana, estabelecendo reivindicações nas mais diversas áreas em decorrência do processo de exclusão geradas pela urbanização, formulando novos padrões organizatórios e uma ruptura com as práticas populistas do passado (PERRUSO, 2009)<sup>6</sup>. Muito embora a literatura sobre movimentos sociais deste período tenha privilegiado os movimentos populares dando pouca ênfase ao ativismo ambientalista, mais restrito à classe média (ALONSO; COSTA; MACIEL, 2007).

No Espírito Santo, no final da década de 1970 e início da década de 1980, o meio ambiente entra na pauta dessas reivindicações o que ganha força com a formação do

---

<sup>5</sup> “a) No plano nacional/local: a estratégia de desenvolvimento econômico encaminhada pelos governos militares, principalmente pelo governo Geisel que, através do II PND, tanto aprofundou a internacionalização da economia brasileira como desconcentrou os investimentos no espaço territorial nacional; a estratégia empresarial da CVRD que iniciou, nos anos 60, um processo de diversificação e, ao mesmo tempo, de transnacionalização de seus investimentos; a atuação do governo estadual, principalmente durante a gestão Arthur Carlos Gerhardt Santos – 1971/74 – visando a atração de investimentos de grande porte; a crise, na década de 60, da economia estadual, até então fundada na monocultura cafeeira, tendo alguns segmentos dominantes visualizado nos grandes investimentos de impacto uma solução para ela; b) no plano internacional: crescimento do movimento de transnacionalização da economia mundial; facilidades de obtenção de empréstimos externos junto ao sistema financeiro mundial (norte-americano, europeu e japonês) em virtude da existência dos chamados petrodólares, os quais buscavam oportunidades de investimentos” (ZORZAL E SILVA, 1998, p. 102-103).

<sup>6</sup> Segundo Rodrigues (2001), a entrada e a saída do regime autoritário significam momentos em que se verificaram ciclos de mobilização e de reforma do sistema político, pois em ambos os casos se tratam de processos de mobilização associados ao delineamento de situações críticas que recaíram diretamente sobre as mudanças estruturais que ocorreram no perfil do regime.

movimento ambientalista no próprio país. As degradações ambientais, como a do Penedo e a poluição causada por grandes empresas, dentre outras denúncias, foram os grandes temas discutidos pelos ambientalistas no Espírito Santo.

Desde 1976, o Penedo começa a ser degradado por conta da construção do cais de Capuaba, em Vila Velha. Segundo autoridades da época, a obra era de interesse para o desenvolvimento nacional. O período de alta do “milagre econômico havia passado, mas o ‘ame-o ou deixe-o’ ainda estava em vigor” (A GAZETA, 1983).

Na época, o representante do porto de Vitória comentou que o morro que sofreu derrocagem não fazia parte do Penedo e que estava nos limites da área de Capuaba. Ainda acrescentou que o projeto obteve prosseguimento pela falta de locais propícios para o empreendimento e porque a paisagem do morro já estava desfigurada, tanto pela torre de eletricidade da Escelsa, como pelos anúncios lá colocados. Além disso, pelo fato de não estar tombado, facilitaria a sua utilização para projetos de interesse nacional (GOLTARA, 1981).

Com o descaso do governo em relação à destruição de parte do conjunto paisagístico com a extração de pedras do local para a construção do cais de Capuaba foram realizados vários questionamentos sobre a degradação na região. Dentre vários outros nomes que se destacaram, está o do engenheiro Jaime Larica, uma das primeiras vozes que se levantou contra o que chamou destruição do Penedo (A GAZETA, 1981). Em uma entrevista reclamou que deveria ser realizado um projeto paisagístico no local para minimizar o que já havia sido destruído. Em tom de revolta comentou que se deveria tentar preservar na cidade pelo menos as pedras e que o Penedo é um patrimônio da comunidade capixaba e não apenas um assunto técnico (GOLTARA, 1981).

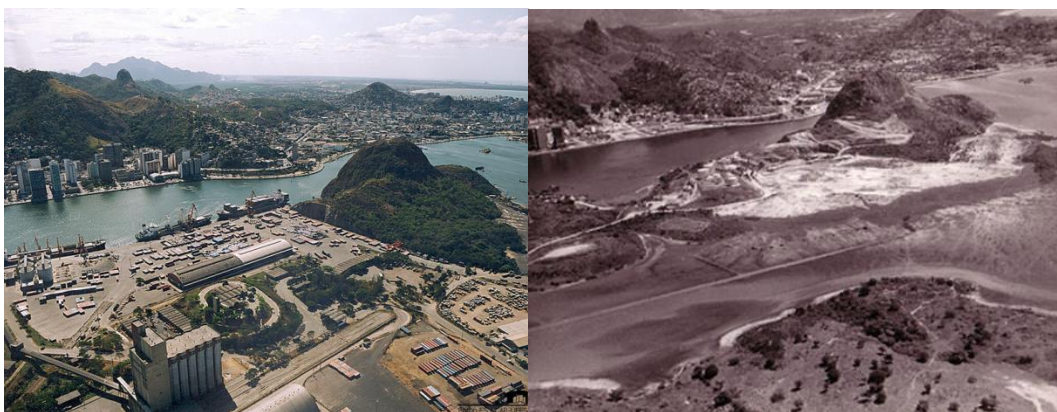
O arquiteto José Daher Filho (apud PAJAÚ, 1983, p. 9) também se manifestou:

Numa época de perda de identidade em todas as áreas do fazer humano, o tombamento do Penedo, além de assegurar a sua própria integridade inibindo a continuidade de sua depredação, contribuirá com a recuperação da identidade da cidade de Vitória, necessária à preservação de sua memória coletiva urbana.

O arquiteto Kleber Frizera, presidente da seccional do Instituto dos Arquitetos do Brasil (A GAZETA, 1981), denunciou que estavam destruindo o mais importante patrimônio paisagístico da Grande Vitória e que o rochedo, embora não atingido pelas

explosões, perdera suas características com o corte realizado no morro ao seu lado, pois se tratava de um conjunto de rochas. Com as explosões foram removidos mais de cem toneladas de pedra para dar lugar a um pátio para instalações portuárias.

Nas Figuras 05 e 06, apresentamos como foi se conformando a atividade portuária na região em apenas três décadas, ficando clara a supressão de parte do Penedo e vegetação nativa ao redor.



**Figuras 05e 06** – Foto à esquerda: portos de Capuaba e Paul. Fotografia aérea da Baía de Vitória, com destaque para o Porto de Capuaba e a presença marcante do relevo na cidade: Pedra dos Olhos, Maciço Central e Morro São Benedito. Autoria: Flávio Lobos Martins (1998). Fonte: Memória Visual da Baía de Vitória (2014). Foto à direita: vista aérea do Cais de Capuaba e do Penedo. Vê-se também parte da Baía de Vitória e a Cidade de Vitória ao fundo. Autoria: Paulo Bonino (1960?). Fonte: IJSN (2014).

Segundo o paisagista Ricardo Ferreira do Amaral, em um depoimento ao jornal “A Gazeta”, Ricardo Ferreira do Amaral (apud GOLTARA, 1981) o morro do Penedo deveria ser preservado e as explosões realizadas nas áreas próximas ao rochedo não seriam benéficas para a região. Para ele, trata-se de um crime que vem se repetindo em todo país, sendo destruídos morros, florestas e manguezais. Para ele seria necessária à realização de campanhas mais fortes de preservação ambiental. Comenta ainda que o Penedo é uma maravilha que dá nova vida à baía de Vitória, inclusive comentou que muitos comandantes de navio ficam admirados com tamanha beleza e que turistas em férias apreciam a grandiosidade do rochedo, levando muitas fotos como recordação da cidade.

Ao mesmo tempo em que ocorria a institucionalização do meio ambiente no estado do Espírito Santo, o movimento ambientalista alcançava sua consolidação juntamente com a militância política no espaço urbano. No processo da abertura política, parte daqueles que militavam no movimento estudantil passaram a atuar no movimento ambientalista. Os movimentos populares dos trabalhadores da região da Grande Vitória, que reivindicavam

melhorias na qualidade de vida, marcaram a passagem da década de 1970 para a década de 1980 (DOIMO, 1984).

Em função das discussões da Conferência de Estocolmo, em 1972, ocorreu uma maior mobilização em prol do meio ambiente em várias partes do país. No Espírito Santo, além das pesquisas de Augusto Ruschi, aconteciam eventos promovidos por alunos de Biologia da Universidade Federal do Espírito Santo e pela Associação Espírito Santense de Biologia (AESB) que alertavam sobre os problemas locais (CARLOS, 2012).

Dessa forma, tendo como pano de fundo esse momento de transição do regime autoritário para democrático, e, tendo como cenário um desenvolvimento predatório sem precedentes, uma parte da população impactada começou a se sentir incomodada e a se mobilizar em torno da questão ambiental, dando início ao movimento ambientalista capixaba. A Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema) teve destaque na participação em prol do Penedo realizando denúncias e protestos contra a destruição do mesmo, sendo esse tombamento um dos seus maiores feitos.

## **CONCLUSÃO**

Os grandes projetos faziam parte de um projeto nacional direcionado pelo governo militar, tendo como aliados as elites políticas e econômicas do Espírito Santo, desde o início dos anos de 1950 (ZORZAL E SILVA, 2010). A cidade de Vitória acompanhou o processo de desenvolvimento que resultou em grande impacto ambiental na região devido ao intenso processo de industrialização e urbanização na capital.

Em uma época em que não havia canais diretos de participação institucionalizados, a imprensa possibilitava a divulgação de algumas informações, e, funcionava como denunciadora dos problemas. Funcionava ela mesma como canal de expressão do movimento ambientalista. Os principais jornais sinalizavam esse debate à época, como apresentado na pesquisa documental.

Um dos símbolos capixabas, o Penedo foi alvo do desenvolvimento ao ter parte de seu morro recortado para dar espaço para as novas instalações portuárias do Cais de Capuaba, Vila Velha, na região da Baía de Vitória, o que gerou protestos. Como afirma Tarrow (2009) existe na defesa do Penedo um propósito comum, ou seja, de interesses e valores compartilhados que são base de suas ações comuns de um grupo, no caso ambientalista. Ou seja, existe por parte dos participantes o reconhecimento de seus

interesses comuns: a preservação do meio ambiente, a conservação de um patrimônio cultural.

O Penedo se tornou um objeto de disputa. Nesse caso, não pode ser evitado que uma parte do conjunto paisagístico do Penedo fosse degradado para dar lugar às instalações do cais de Capuaba, mesmo sob protestos. Todavia, isso fez com que se acelerasse o processo de tombamento do Penedo, graças às pressões do movimento ambientalista, mais especificamente da Acapema que solicitou o tombamento do Penedo.

Os ganhos desse movimento foram para além do tombamento do Penedo em si. Logo em seguida, ainda na década de 1980, se consolidou uma legislação ambiental e a criação de um órgão estadual de meio ambiente até então inexistentes.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

A GAZETA. Reconstituição da área do Penedo está parada. **A Gazeta**, Vitória, 05 jun. 1981.

\_\_\_\_\_. Um erro geográfico: o Penedo é de Vila Velha. **A Gazeta**, Vitória, p. 1, 31 ago. 1983.

ACHIAMÉ, Fernando Antônio de Moraes; BETTARELLO, Fernando Augusto de Barros; SANCHOTENE, Fernando Lima (Orgs). **Catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo**. São Paulo-Vitória: Massao Ohno Editor/Secretaria de Estado de Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Universidade Federal do Espírito Santo, 1991.

ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano; MACIEL, Débora. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. **Novos Estudos**, novembro, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CARLOS, Euzeneia. **Movimentos sociais e instituições participativas: efeitos organizacionais, relacionais e discursivos**, Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FREITAS, José F. B. (et. Al). Projeto Centro.com.Vitória. Vitória: Edufes, 2002.

GOLTARA, Gracinha. Penedo: mais um alvo do progresso, **A Gazeta**, 29 mar. 1981.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/Biblioteca/BibliotecaOnline/>>. Acesso em: 04 out. 2014.

\_\_\_\_. **Patrimônio Ambiental e Urbano e Natural da Grande Vitória**: Fundação Jones dos Santos Neves, 1978.

\_\_\_\_. **Aspectos Econômicos e Infra-estruturais do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves, 1996.

MEMÓRIA VISUAL DA BAÍA DE VITÓRIA. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/baiadevitoria/>>. Acesso em: 08 agosto 2014.

PAJAÚ, Luiz. Tombamento do Penedo será amanhã. **A Tribuna**, Vitória, p. 9, 7 set. 1983.

PAJAÚ, Luiz; GONÇALVES, Josemar. **Construção do Cais de Capuaba, Vila Velha, ES, 1977**. 1977. 1 fotografia, p&b, 18x12cm, sem negativo. Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/Biblioteca/BibliotecaOnline/>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

PERRUSO, Marco Antônio. **Em busca do “novo”**. Intelectuais brasileiros e movimentos populares nos anos 1970/80. São Paulo: Annablume, Capítulo 4, p. 173-230, 2009.

PORTO DE VITÓRIA. **Centro de Documentação e Memória**: preservando a história do porto de Vitória. Disponível em: <<http://www.codesa.gov.br/site/>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

SIQUEIRA, Maria da Penha. **O desenvolvimento do porto de Vitória (1870-1940)**. Vitória: Codesa, 1984.

TARROW, Sidney. 2009 [1998]. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ, Vozes. Capítulo 5, p. 99-121.

TRIVIÑOS, A. N. S. Método de análise de conteúdo. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987, p. 158-166.

VIEIRA FAZENDA. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 20 jul. 1913, vol. 01.

ZORZAL E SILVA, Marta. Mudanças socioeconômicas, governo representativo e governabilidade - impasses nas arenas subnacionais – o caso do Espírito Santo. In: **Revista Interface**, ano II, nº 04, 1998, pp. 95-106.

\_\_\_\_. Trajetória político-institucional recente do Espírito Santo. In: **Espírito Santo: instituições, desenvolvimento e inclusão social**. Vitória: IJSN, 2010.